

# DEPOIMENTOS

## *A experiência de vida para contar*

A grande maioria dos moradores da Ceilândia tem uma experiência de vida para contar, uma reclamação a fazer ou simplesmente dizer que muito confia no futuro daquela cidade-satélite.

Iraci Maria de Jesus, da QNN 23 Conjunto O Lote 7, tem cinco filhos, e veio da Vila Tenório há oito anos atrás. — Naquele tempo — conta ela — a vida era ainda mais dura. Os caminhões despejavam a gente aqui como se despeja areia. A gente se amontoava debaixo de uma lona para dar tempo de colocar o barraco novamente de pé no fundo do lote. Os carros — pipas serviam os removidos de água. Mas às vezes eles desapareciam uma semana inteira e a gente tinha que buscar água lá embaixo, próximo hoje ao Setor P, pois lá havia uma mina. Muita gente que tinha condições se mudou para Ceilândia por conta própria, não usando dos caminhões do governo. Mas esse não foi o nosso caso. Meu marido é pedreiro, “sem canto certo”. Para pedreiro não tem salário. Hoje sinto apenas o fato deles ainda não terem terem quitado o nosso lote, pois lá na Vila nós não éramos invasores, tínhamos barraco próprio, com documentação e tudo. É aqui na Ceilândia Norte as coisas ainda não estão boas. Quem tem coragem de sair aqui à noite? Poucos são os que arriscam.

Vizinha à dona Iraci, mora Amélia de Assis, quatro filhos, viúva, vivendo de aluguel, pagando um mil cruzeiros por mês



*Maria Aparecida quer mais segurança*

por um minúsculo barraco de três cômodos. Há cinco anos residindo na Ceilândia “de um canto para outro”, Amélia se ressentida do fato de ainda não ter conseguido um lugar para morar, e do dinheiro pouco com a lavagem de roupa, “que mal dá para botar arroz e feijão na boca dos meus filhos”.

### SETOR “O”

Raimundo Corrêa, morador da QNO 13 Conjunto L Casa 18, diz ser pai de 8 filhos — No entanto, observa ele — nem com uma casa cheia a gente tem coragem de enfrentar os ladrões que são muitos por aqui. Diariamente estamos sem luz, apesar de que a água agora voltou a ser normalizada aqui no setor O. Mas outro problema é a poeira, por isso parece que o povo da Ceilândia é sujo, pois onde se chega as pessoas logo nos identifica pelos pés, apesar de que as pessoas que

moram no Setor O não gostam de falar que residem na Ceilândia, pois para todos os efeitos isso aqui é Taguatinga. A falta de telefones públicos é medonha, já que não temos o residencial podíamos contar com essa alternativa em maior escala, mas só conheço aqui o orelhão do Conjunto 8/11. Raimundo Correia é vendedor ambulante, “e talvez seja essa uma das razões de que não enfrento o problema do transporte por esse lado daqui, já que quando as coisas estão muito difíceis para um lado eu corro para o outro”.

— O maior problema aqui continua sendo a condução — diz Maria de Lourdes Borba, funcionária do Serviço de Limpeza Urbana no Plano Piloto, 6 filhos, “separada do marido”, trabalhando um dia sim outro não. Segundo ela, os ônibus gastam uma hora e meia para chegarem até o Plano Piloto” mas deixa sempre o almoço que dê para o jantar das crianças, e tudo isso eu faço à noite, quando chego do serviço. Maria de Lourdes percebe no SLU o salário mínimo, ou seja, 2.200 mensais, sendo que o seu companheiro “às vezes” contribui com dois mil cruzeiros. Ela ressalta que gostaria de pedir uma coisa quando pelo aniversário da Ceilândia: “que a administradora Maria de Lourdes faça abaixar os preços na feira da QNO 11 que funciona às quartas-feiras, sábado e domingo e que ajude os feirantes a melhorarem os seus barracos, pois são todos improvisados”.